



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES INICIAIS E ESCUTA DAS VOZES DOS SUJEITOS A PARTIR DE UMA REALIDADE PRÁTICA

Mariana Cosme Rodrigues¹

Juliana Ferreira da Silva²

Cristiane Marques Novaes de Oliveira³

Paolla Gonçalves da Silva⁴

Maria do Rozário Azevedo da Silva⁵

RESUMO

O presente artigo teve como intuito compartilhar um relato de experiência vivenciado com uma turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos), em uma escola municipal do Recife e configurou-se num dos componentes avaliativos da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica VII – Estágio na Educação de Jovens e Adultos, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Para cumprimento da intervenção, realizamos uma série de ações: sequência didática, observações da sala de aula e quatro regências – com três horas de duração cada. Utilizamos a temática “Nossa memória, nossa história”, cujo objetivo centrou-se no cuidado em trabalhar a memória do sujeito como construção da identidade, visando ao trabalho com alguns gêneros textuais, com ênfase na oralidade e no reconhecimento de si e do outro.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Pesquisa e Prática Pedagógica, Memória, Identidade.

INTRODUÇÃO

Ao trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), não podemos deixar de levar em consideração a trajetória e lugares percorridos por esses sujeitos até chegarem à sala de aula. Por isso, buscamos, com o tema: “Nossa memória, nossa história”, trazer resquícios de “barreiras” vencidas por tais indivíduos até retornarem aos estudos.

A memória, para Jeanne Marie Gagnebin (2012, p. 35), é “o verdadeiro lembrar, a rememoração, salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco; mcr.cosme@gmail.com;

² Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco; ferreirajuliana1@gmail.com;

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. novaescris@hotmail.com

⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. paolagoncalves@yahoo.com.br

⁵ Professora orientadora, Doutoranda no Programa de Pós-graduação na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, rozario_azevedo@hotmail.com



lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida”. Então, a história só existe porque há alguém a lembrar-se dela e que continua contando suas versões de algo que se lembra ou que vivenciou. Portanto, memória é um processo de seleção e de escolha, daquilo que marca a alma de maneira positiva ou negativa, refletindo na identidade do sujeito.

Diante dos nossos questionamentos acerca da constituição do sujeito, também recorreremos a Bosi (1994), pois, para a autora,

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade de nossa experiência adquirida. (BOSI, 1994, p. 47).

Nesse sentido, a memória é uma coleção, uma reunião de experiências que possibilitam que a vida se torne a matéria prima da ação pedagógica na EJA, haja vista que para a Educação de pessoa jovens e adultas a experiência, a própria vida dá a tônica da prática pedagógica.

Diante disso, o nosso objetivo, na prática do estágio, foi ouvir as vozes desses/as sujeitos constituintes da EJA e trazer suas histórias e vivências para a sala de aula, com o intuito de que eles se identificassem uns com os outros e refletissem sobre as semelhanças e diferenças, pontos de conexão e singularidades entre eles próprios, pensando também sobre a desigualdade social no país. De acordo com Freire:

A existência humana, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformem o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos, pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1978, p. 93).

Nessa perspectiva, refletindo a partir de Freire, compreendemos que é fundamental e necessário haver um diálogo no ambiente escolar, para que se estabeleça uma gestão democrática e que essa gestão compreenda os desafios desses estudantes para se fazerem presentes na escola. Para refletirmos sobre tal gestão, CARVALHO, *et al* (2017, p. 82) nos ajudam a refletir que:



A gestão da escola que oferta a EJA precisa compreender que o processo educacional, que objetiva construir conhecimentos, não acontece apenas no espaço da sala de aula, mas ocorre na escola de forma ampla, nos valores que mobiliza, nas relações que promove dentro e fora da instituição. Neste sentido, fica claro que a gestão democrática se faz necessária para efetivar as mudanças e os avanços na organização escolar, como sendo um corpo coeso e sintonizado com a proposta de formação humana que toda instituição educacional deve perseguir, devendo a escola e sua comunidade trabalharem na perspectiva de tornar o real da gestão, numa possibilidade ideal, num modelo gestor que seja aberto, dinâmico e reconhecedor do papel central que tem o aluno da EJA nesse contexto de inovação. (CARVALHO *et al*, 2017, p.82).

Diante disso, a coerência na prática pedagógica na EJA precisa estar alinhada não apenas às questões da didática, por exemplo, mas principalmente à reflexão e à ação política demandada por essa modalidade.

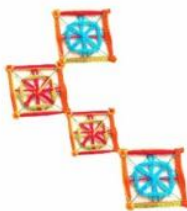
METODOLOGIA

Tendo em vista os nossos objetivos de pesquisa, lançamos mão do relato de experiência, cujo propósito é descrever nossa intervenção na disciplina de Pesquisa e prática pedagógica em educação de jovens e adultos.

O desenvolvimento metodológico iniciou-se com a observação de duas aulas na turma pesquisada, com o intuito de identificar os conhecimentos das/os estudantes sobre a temática e se essa seria relevante para o trabalho com a turma. Nesta etapa, também observamos o espaço educacional, as relações aluno-aluno, aluno-professor e professor-gestão. Procuramos nos apropriar dos espaços de convívio, como também, aproximar-nos da professora regente, com a qual tivemos conversas que contribuíram ao longo do processo de escolha do tema.

Observamos, também, as estratégias didáticas utilizadas pela docente durante as aulas e iniciamos uma aproximação com os alunos. Essa etapa de observação é imprescindível para a fase seguinte do estágio (a regência), uma vez que oferece melhores condições para escolha do tema e das estratégias metodológicas, em função das necessidades de aprendizagens e do perfil da turma. Tal exercício metodológico nos levou a refletir sobre os encaminhamentos futuros, conforme retrata Freire (1992):

Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é



vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica (FREIRE, 1992, p.14).

Após as observações das duas aulas, preparamos o material e os planejamentos de quatro aulas, que tiveram as seguintes temáticas: “Quem eu sou e de onde vim?”; “Identidade da nossa turma de EJA;” “Meu papel fora da escola: um aspecto importante da minha identidade” e “A linha do tempo da minha vida.”

Dando continuidade, realizamos as quatro aulas, cada uma com 3 horas de duração, no horário noturno, que culminou não só na concretização atividade de estágio, como também na possibilidade do contato com a prática a partir da ação-reflexiva, baseando-se na perspectiva de pesquisa-ação. Tal perspectiva consiste em uma metodologia de acordo com a qual os pesquisadores estariam em condição de produzir informações e conhecimentos mais efetivos, a fim de promover transformações dentro do espaço escolar. No presente relato, apresentaremos as experiências das atividades vivenciadas, tendo em vista a delimitação que a prática exige, porém sem o intuito de julgá-las, mas de entendê-las.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino fundamental e do ensino médio, criada pelo Governo Federal, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na idade certa. Existem muitos motivos para retardar o acesso à educação, e um deles é a desigualdade social, em que os sujeitos têm outras prioridades para conseguir sobreviver e obter o sustento da casa.

Segundo Freire, a educação deveria corresponder à formação plena do ser humano (denominada, pelo autor, de *preparação para a vida*), com formação de valores, atrelados a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária:

“Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2002, p.193)

Na época da colonização no Brasil, somente as classes médias e altas tinham acesso ao conhecimento. A classe pobre não tinha acesso à educação, pois era desfavorecida. Foi nos anos



de 1930, a partir do governo de Getúlio Vargas, com a criação do Regime Militar, que houve o interesse de ampliar a educação para a camada populacional menos favorecidas, que trabalhavam nos setores produtivos das fábricas.

Então, em 1937, foi criada a Constituição com o intuito de capacitar os jovens para trabalhar nas indústrias, sem, contudo, haver o interesse de transmitir o conhecimento científico, o que acarretou no fato da educação continuar sendo para poucos.

Na época do Regime Militar, surge o “MOBRAL”, um movimento de alfabetização com o objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil. O método de ensino era o de ler e escrever, no entanto não havia a preocupação com a formação crítica e participativa do sujeito, visto que, de acordo com Bello:

O projeto MOBREAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas. (BELLO,1993, p.38)

Podemos sentir as reverberações do projeto MOBREAL até os dias de hoje, pairam nos discursos sobre a EJA e possibilitaram a construção negativa de um ethos, confrontando o que Paulo Freire, educador que sempre lutou por uma educação libertadora e democrática, usava como metodologia o diálogo para poder promover uma visão de mundo crítica e interventora.

Apenas no século XX, a Educação de Jovens e Adultos obteve uma valorização. Em 1985, ocorreu o fim do MOBREAL, sendo substituído pela Fundação Educar, que também apoiava a alfabetização da EJA. Com a Constituição de 1988, o Estado aumentou o seu compromisso com a Educação de Jovens e Adultos, sendo os cursos de EJA oferecidos atualmente de forma presencial, semipresencial e a distância para atender ao maior número de indivíduos possível.

Quanto à organização curricular da educação básica, a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), de 1996, estabelece que os currículos da EJA devem contemplar as características regionais e locais de onde os sujeitos estão inseridos.

Na educação de jovens e adultos, o adulto, não é o estudante que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização. Ele é o “excluído” do sistema de ensino regular, que provém de grandes metrópoles e de áreas rurais empobrecidas. Com passagem escassa para ir



até a escola e ocupando trabalhos não qualificados, que busca a escola tardiamente para se alfabetizar e se sentir menor desfavorecidos(Oliveira, 1999).

A exclusão da escola coloca os alunos em situação de desconforto pessoal devido a aspectos de natureza mais afetiva, mas que podem também influenciar a aprendizagem. Os alunos têm vergonha de frequentar a escola depois de adultos, muitas vezes pensam que serão os únicos adultos em classes de crianças e por isso sentem-se humilhados, têm insegurança quanto a sua própria capacidade para aprender. (OLIVEIRA, 1989. P.66)

Segundo Pelacios (1995), a idade adulta tem sido vista como uma fase de estabilidade e ausência de mudanças. Para ele, deve-se considerar a vida adulta como etapa de desenvolvimento e enfatiza a importância dos fatores culturais nas características da vida adulta:

Se cada período da vida é suscetível de se identificar com uma série de papéis, atividades e relações, não cabe dúvida de que a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria são identificadas como papéis, atividades e relações da maior importância a partir do final da adolescência. (PALACIOS, 1995: 315)

Diferentemente da criança, o adulto traz consigo uma história mais longa das experiências e conhecimentos acumulados sobre o mundo, sobre si e sobre as demais pessoas. Com isso, o adulto tem maior capacidade de reflexão e seus conhecimentos devem ser aproveitados nos processos de aprendizagem.

Foi pensando nisso que fizemos uma sequência didática com o tema: “Nossa memória, nossa história”, com o intuito de trabalhar os caminhos percorridos pelos sujeitos pesquisados até chegarem à sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao escolher a Educação de Jovens e Adultos para nossa intervenção e assim aplicarmos nossa sequência didática, sabíamos o quanto seria desafiador trabalhar com uma turma tão diversificada, que carrega com si uma bagagem social para a sala de aula. Por isso, tivemos o intuito de abordar a história de vida desses sujeitos, focando no trabalho com alguns gêneros textuais (letras de música e poemas), com ênfase na oralidade e no reconhecimento de si e do outro.



A turma que escolhemos foi modulada e que atende a alunos de diferentes níveis, a saber: um grupo composto por pessoas majoritariamente adultas, contendo poucos jovens. São pessoas com histórias de vida e especificidades diversas, mulheres e homens trabalhadores (as), que fazem parte da maioria silenciada, que dependem dos serviços precários do Estado e que, em grande parte, foram obrigadas a abandonar a escola por motivos de necessidade e, não simplesmente, por opção.

Ao trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, devemos levar em consideração as trajetórias e lugares por onde esses sujeitos passaram/passam para chegar até a sala de aula. Para Arroyo (2017), esses sujeitos são como “passageiros da noite”, que começam a sua jornada bem cedo, na infância.

Ao analisar esse cenário, encontraremos algumas características predominantes desses sujeitos, tais como: pessoas pobres, negras, moradoras de periferia, passageiras que se deslocam no fim do dia, cansadas à espera do ônibus. De onde eles vêm? Para onde vão? Isso revela percursos sociais, raciais e de classe diferente. São esses sujeitos, trabalhadores domésticos e pedreiros em grande maioria.

Esses “passageiros” veem a EJA como a última viagem para mudar essa situação. Isso revela as hierarquias sociais que o público da EJA tem de enfrentar, e isso não é tarefa fácil. O que sustenta é a esperança através do direito anteriormente cerceado, o direito de aprender, de questionar, de ter um espaço no mundo e, acima de tudo, de ter uma vida justa (ARROYO, 2015).

Diante desse cenário, procuramos utilizar práticas educativas que favorecem reflexões sobre o contexto atual, provocando problematizações sobre a sociedade em que as (os) estudantes pesquisadas (os) vivem, bem como sobre o cuidado em trabalhar a memória como construção da identidade do indivíduo.

Para iniciar o nosso estágio de regência, na primeira aula, fizemos uma “dinâmica do sapato”, a partir da qual buscamos conhecer os caminhos percorridos pelos jovens e adultos daquela turma que os levaram a voltar a estudar. Na dinâmica, colocamos um sapato sujo de lama, dentro de uma caixa e começamos a dar dicas até os alunos adivinharem o que tinha ali dentro. Após a descoberta, questionamos sobre o porquê daquele sapato está sujo “será que ele sempre foi assim?”; “Por onde será que ele andou?”; “ele sempre foi assim?”.

Essas primeiras discussões foram de grande importância para fazer um link com nossa própria vida, pois, por todos os lugares que a gente passa, carregamos marcas, sejam elas boas ou ruins e isso reflete na nossa personalidade. Com essa proposta de atividade, também



objetivamos nos aproximar da turma e conhecer um pouco de história de cada um (a), além de ampliar as discussões sobre as marcas que carregamos durante os caminhos que nos percorremos, até chegar ali naquela turma de EJA modulada. A atividade configurou-se como um momento emocionante.

Em seguida, trabalhamos com a letra da música “Sapato Velho”, de Roupas Novas, para enriquecer a dinâmica realizada anteriormente. Ao trabalhar com esse gênero textual, lemos e interpretamos as entrelinhas da canção, para reforçar a ideia que, independentemente da idade e da história de vida, todos temos direito à educação, pois, se fizermos uma alusão ao sapato velho (rasgado e melado de lama) como nós mesmos, ainda podemos “servir” para muita coisa, conforme podemos perceber na estrofe: “(...) talvez eu seja, simplesmente, como um sapato velho, mas ainda sirvo se você quiser; basta você me calçar, que eu aquece o frio dos seus pés.”

Após a música, muitos deles ficaram emocionados, pois lembraram da infância e de parentes queridos. Teve uma fala muito importante de uma aluna, Iara que nos contou que não gostava de lembrar de sua infância, pois ela não teve a oportunidade de ser criança de verdade. Ela e seus irmãos trabalharam em casa de família, e foram bastante humilhados e desprezados. No entanto, Iara nos falou que nunca perdeu a vontade de aprender a ler e escrever e, hoje, mesmo cansada de trabalhar e cuidar da casa e de sua filha grávida, ela frequenta a escola sempre que pode, e com um brilho enorme nos olhos.

Essa turma de EJA Modulada é composta por mais ou menos 17 pessoas, mas apenas 12 apresentam frequência regular. Por isso, por mais que muitas delas se vejam todos os dias, elas não se conhecem de fato, não sabem, muitas vezes, as suas origens, onde todas moram, com quem moram, quais problemas tiveram de enfrentar e até mesmo qual a força que as incentiva a estarem ali.

Foi pensando nisso que começamos a segunda aula com a foto da sala vazia. Ao perguntar se eles reconheciam aquela sala, eles se mostraram confusos, pois poderia ser qualquer sala da escola. Mas, ao olharem com cuidado a foto, reconheceram. O intuito era que eles falassem onde cada um se sentava, além de comentar as características de cada um, fazendo eles se reconhecerem enquanto grupo, saber da importância do outro que compõe aquela turma de EJA e deixar claro que, apesar daquele espaço ser ocupado por outros alunos nos diferentes horários, à noite, seriam eles que ocupariam aquelas cadeiras vazias. E, por isso, todos juntos resultariam na identidade da turma.

Em outro momento, trabalhamos com um curta, “Vida Maria”, uma animação 3D, lançada no ano de 2006 e produzida por Márcio Ramos. O vídeo trata de várias vidas “Marias”



que vão se repetindo de geração em geração, nas quais o estudo é deixado em segundo plano, não porque “Maria” em questão queria, mas pelas circunstâncias da vida, sejam elas, trabalho, filho, pais, distância da escola, entre outras situações. Os estudantes captaram rapidamente a mensagem, e até se reconheceram. Houve a fala de um senhor de idade que disse que a história do filme era exatamente a história de vida dele. O debate foi bastante enriquecedor, pois elas e eles quiseram falar também um pouco da sua vida, muitos lembraram do interior e cidades deixadas para trás.

Na terceira aula, trabalhamos com os gêneros textuais Biografia e Autobiografia, tendo em vista as semelhanças e as diferenças entre os mesmos. Para começar, lemos uma biografia e uma autobiografia de Clarice Lispector, visando ao trabalho com as diferenças entre ambos os gêneros, mas focando também na autora, quem foi ela e sua importância, e, a nível de curiosidade e de aproximação, saber que a mesma morou em Recife. Após refletirmos acerca das diferenças entre os gêneros, era a vez dos alunos produzirem sua própria autobiografia, através de uma linha do tempo, feita com papel ofício e rolo de papel higienico.

No término dessa atividade, os alunos socializaram, e tivemos um comentário de um estudante que nos chamou atenção. Ele nos contou da sua infância dolorosa e do bullying que sofreu por conta da sua paralisia, o que foi um dos motivos que ele não quis voltar para a escola. Além disso, os alunos também relataram lembranças dos pais, histórias sobre morte de um parente querido, como também sobre o primeiro emprego, questões essas que marcaram esse processo cronológico.

Na última aula, começamos a leitura de um livro, “A árvore generosa”, de Shel Silverstien. Um livro em que com poucas palavras o autor fala sobre as relações na qual uma árvore oferece tudo a um menino, que a deixa de lado ao crescer, ao mesmo tempo que se torna num homem egoísta. Mas para agradar ao menino que ama, a generosidade desta árvore não tem fim - ainda que isto signifique a sua própria destruição. Foi um livro bastante aceito pela turma e que nos trouxe várias reflexões, tivemos opiniões e visões diversas sobre o livro.

Alguns alunos falaram apenas da árvore se doar muito pelos outros e não pensar nela, outros falaram sobre o homem ser trabalhador e almejar sempre ter as coisas, outros viram o menino como um egoísta, mas quando perguntamos em qual dos papéis eles se viam não souberam dizer exatamente qual. Então, construímos juntos o pensamento de que ao longo da nossa caminhada às vezes estamos no lugar do menino e às vezes no lugar da árvore. Foi um livro bastante aceito pela turma e que nos trouxe várias reflexões, tivemos opiniões e visões diversas sobre o livro.



Posteriormente, fizemos a leitura coletiva e ouvimos a música “Cidadão” de autoria de Lúcio Barbosa (1978) e interpretada por cantores como Zé Geraldo e Zé Ramalho, grande parte dos alunos já conheciam e falaram já ter se emocionado muito com a letra da música, porque se reconhecem nela. Nesse momento, a participação também foi bastante efetiva por parte dos alunos e abordamos o assunto sobre a ocupação dos mesmos além de estudante, o que eles fazem fora da escola e ressaltamos a atividade doméstica como sendo uma ocupação. Analisamos cada estrofe da música refletindo sobre a desigualdade social como por exemplo a parte a seguir:

Tá vendo aquele colégio, moço?

Eu também trabalhei lá

Lá eu quase me arrebento

Fiz a massa, pus cimento

Ajudei a rebocar

Minha filha inocente

Vem pra mim toda contente

Pai, vou me matricular

Mas me diz um cidadão

Criança de pé no chão

Aqui não pode estudar

Quando perguntamos sobre essa segunda estrofe e sobre quem seria essa criança, os alunos disseram: “a criança pobre que não tem o que calçar”. Fizemos a análise de toda a letra refletindo sobre esse profissional, as condições de trabalho e as desigualdades impostas pelo sistema.

É importante dizer que, em todas as aulas, os alunos da EJA tiveram ajuda para realizar as atividades, pois, como tratava-se de um turma Modulada, coexistiam diversos níveis de aprendizagem.

Por fim, como culminância da nossa sequência, os alunos confeccionaram um mural de atividades com todas as fichas realizadas durante aquelas quatro aulas, em um painel para ficar exposto na sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Conforme relatado anteriormente, desenvolver esse trabalho na Educação de Jovens e Adultos não foi tarefa fácil. Mas, foi sem dúvida, muito importante por contribuir para a formação inicial docente, pois a vivência da realidade nos permite conhecer a nossa futura profissão e que, apesar das dificuldades que possam ocorrer durante o caminho, possibilita-nos sentirmos mais preparados em atuar profissionalmente no contexto escolar.

O aluno carrega consigo uma bagagem cultural do meio social em que se encontra. Portanto, na EJA, isso deve ser reforçado e aproveitado, pois os sujeitos já trazem um conhecimento acumulado historicamente, o qual deve ser aproveitado durante as aulas.

Foi pensando nisso que, ao escolher o tema, “Nossa memória, nossa história”, buscamos trabalhar com a história de vida dos sujeitos pertencentes à EJA pesquisada como construção da identidade do indivíduo. Para isso, recorremos a leituras enquanto busca exploratória para nos apropriarmos da teoria e produzir práticas e aprendizagens significativas.

Portanto, ao término deste trabalho, pudemos conhecer o quanto é desafiador uma prática docente que nos possibilite estarmos abertos para trabalhar com uma diversidade de alunos e em diferentes níveis de escolaridade.

Consideramos que o tema dessa pesquisa é amplo, portanto abre-se um leque de oportunidades a outras pesquisas e apontamentos.

REFERÊNCIAS

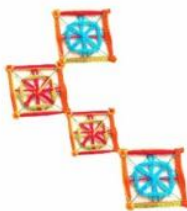
ARROYO, M. G. **Passageiros da noite**. Do trabalho para a EJA. São Paulo: Vozes, 2017.

BELLO, J. L. D. P. **Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL): História da Educação no Brasil**. Período do Regime militar. Vitória: Pedagogia em foco, 1993.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: **Lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CARVALHO, R. de. C. C; AMORIM, A; Aquino, M. S; LOPES, M. M. **Gestão escola democrática e EJA: o ideal e o real nas escolas públicas municipais**. Sorocaba: Crítica Educativa, v.3, n. 3, p. 78-90, ago/dez. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.



_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Cartas a Cristina.** São Paulo: Editora Unesp, 2ª ed, p. 193, 2002.

GAGNEBIN, J. M. **Apagar os rastros, recolher os restos.** In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina (Orgs). **Walter Benjamin: rastro, aura e história.** Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 27-38, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Relatório de Atividades apresentado à Universidade de São Paulo (1986-1989).** São Paulo, 1989. Faculdade de Educação da USP. (mimeo).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** 22a Reunião Anual da ANPED – 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambu.

PALACIOS, Jesús. O desenvolvimento após a adolescência In COLL,C., PALACIOS, J. e MARCHESI, A. (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, v.1. 1995. Tradução de Marcos A.G.Domingues.